



PLANO DE
REQUALIFICAÇÃO DO
NAHM
NÚCLEO ARQUITETÔNICO HISTÓRICO DE MANGUINHOS



Fundação Oswaldo Cruz

Presidente

Paulo Gadelha

Casa de Oswaldo Cruz

Diretor

Paulo Roberto Elian dos Santos

Vice-Diretor de Informação e Patrimônio Cultural

Marcos José de Araújo Pinheiro

Vice-Diretora de Gestão e Desenvolvimento Institucional

Nercilene Santos da Silva Monteiro

Vice-Diretora de Pesquisa, Educação e Divulgação Científica

Magali Romero Sá

Grupo de Trabalho - Plano de Requalificação do Nahm

Marcos José de Araújo Pinheiro (Coordenador)

Ana Maria Osório de Barros Barbedo Marques (Substituta)

Ana Luce Girão Soares de Lima

Claudio Campos da Cunha Rezende

Daniel Lopes Moreira

Denise Coelho Studart

Diego Vaz Bevilaqua

Eliane Monteiro de Santana Dias

Fábio Iglesias Conceição

Felipe Almeida Vieira

Magali Romero Sá

Maria Rachel de Gomensoro Froes da Fonseca

Nezi Heverton Campos de Oliveira

Pedro Paulo Soares

Tania Maria Dias Fernandes

Vanessa Fernandes Guimarães

Wanda Susana Hamilton



Consultora externa

Cláudia Fernandes Porto

Colaboradores

Carlos Henrique Assunção Paiva

Dominichi Miranda de Sá

Luís Amorim

Luísa Maria Gomes de Mattos Rocha

Miguel Ernesto Gabriel Couceiro de Oliveira

Nara Azevedo



Casa de
Oswaldo Cruz

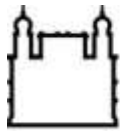


Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Revisão e Relatoria

Fábio Iglesias Conceição

Nezi Heverton Campos de Oliveira



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz

PLANO DE REQUALIFICAÇÃO DO NÚCLEO ARQUITETÔNICO HISTÓRICO DE MANGUINHOS

Documento de Referência

Rio de Janeiro
2014

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
I. INTRODUÇÃO.....	3
1. Apresentação e objetivos	3
2. Justificativa	4
3. O valor histórico do Campus Manguinhos	5
3.1 O tombamento.....	6
3.2 O potencial arqueológico	7
II. PROPOSTA	8
1. Princípios.....	8
2. Públicos.....	9
Traria minha família e/ou amigos para visitar os prédios históricos e o campus de Manguinhos	9
3. Considerações iniciais	12
3.1 Marcos institucionais	12
3.2 Diretrizes.....	14
4. Delimitação das áreas de ocupação	14
4.1 Áreas de representação político-institucional.....	16
4.2 Áreas de manutenção das atividades atuais	16
4.3 Áreas de atividades de educação e divulgação científica.....	16
4.4 Áreas de infraestruturas para eventos técnico-científicos e culturais	16
4.5 Áreas de convívio e espaços públicos.....	17
5. Eixos Temáticos.....	17
5.1 Saúde pública no Brasil.....	17
5.2 Ciência e tecnologia em saúde.....	18
5.3 Saúde, ambiente e sustentabilidade	18
5.4 Acervos culturais da saúde.....	19
5.5 Fiocruz e as cidades	20
6. Programas preliminares de ocupação das edificações do Nahm	21
7. Gestão dos espaços.....	23
8. Cronograma.....	24
III. ANEXOS	27
Anexo A: A caracterização das edificações e de seu entorno	27
Anexo B: Contribuições de especialistas externos	34

RESUMO

O Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos objetiva, por meio de intervenções e novos usos de suas áreas urbanas e edificações históricas, preservar e valorizar esse patrimônio cultural, ampliar a interlocução com o entorno da Fiocruz e com a cidade do Rio de Janeiro, atender às demandas institucionais, e gerar maior oferta de atividades socioculturais, de divulgação científica e de educação em ciências, tecnologia, saúde e de cultura aos trabalhadores da instituição e à sociedade. Este Plano também busca fortalecer ações de compartilhamento do conhecimento produzido na instituição e no campo da história da saúde, ampliar as áreas expositivas e a capacidade de atendimento ao público, além de garantir recursos para a preservação das edificações históricas.

I. INTRODUÇÃO

1. Apresentação e objetivos

Este plano tem como objetivo a requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (Nahm), localizado no *campus* sede da Fiocruz, a partir do estabelecimento de princípios e diretrizes que traduzam os valores e a identidade dessa instituição e intensifiquem sua relação com seu entorno e com a cidade do Rio de Janeiro.

O Nahm é o núcleo originário do *campus* formado pelas edificações erguidas nas duas primeiras décadas do século XX: o Pavilhão Mourisco, o Pavilhão do Relógio, a Cavalaria, o Pavilhão Figueiredo de Vasconcelos, o Pombal, a Casa de Chá, o Hospital Evandro Chagas e o Pavilhão Vacínico, hoje denominado Vila Residencial. O plano de requalificação em questão abrange as edificações deste núcleo originário, à exceção do Hospital Evandro Chagas e da Vila Residencial, incluindo também a Praça Pasteur, o Caminho Oswaldo Cruz e o Pavilhão Henrique Aragão, de modo a conformar uma área contínua de intervenção.

A requalificação deste núcleo histórico está em conformidade com o Plano Diretor Campus Manguinhos Saudável, documento que se encontra em fase de elaboração pela Presidência da Fiocruz e Diretoria de Administração do Campus (Dirac) e tem como intuito orientar futuras intervenções e prioridades de ações nas áreas de mobilidade, acessibilidade, meio ambiente, paisagismo, infraestrutura e gestão de patrimônio. Vale ressaltar que este Plano Diretor incorpora em sua totalidade o Plano de Ocupação da Área Preservada (Poap), aprovado pelo Conselho Deliberativo da Fiocruz em dezembro de 2013. O Poap é um documento de orientação da gestão do conjunto arquitetônico e paisagístico de relevância cultural do Campus Fiocruz Manguinhos, contempla a requalificação do Nahm e foi elaborado em conjunto com os órgãos de proteção do patrimônio estadual, Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), e nacional, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Com abrangência e metas distintas, as duas iniciativas (Plano de Requalificação do Nahm e Plano Diretor) têm em comum o objetivo de implantar um ambiente saudável, seguro, confortável e culturalmente enriquecedor para funcionários e visitantes. Assim, conciliar a preservação da história e da identidade institucional com as demandas contemporâneas por conhecimento e serviços inovadores foi e continuará sendo um dos maiores esforços da Fiocruz.

2. Justificativa

Criada em 1900 no Rio de Janeiro como Instituto Soroterápico Federal, a Fiocruz é uma instituição pública vinculada ao Ministério da Saúde. Sua missão é produzir, disseminar e compartilhar conhecimentos e tecnologias voltados para o fortalecimento e a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) e que contribuam para a promoção da saúde e da qualidade de vida da população brasileira, para a redução das desigualdades sociais e para a dinâmica nacional de inovação, tendo a defesa do direito à saúde e da cidadania ampla como valores centrais. Esta visão pública e estratégica orienta a instituição em prol da sociedade brasileira e de outros países, principalmente por meio da cooperação com os países africanos, latino-americanos e caribenhos, com foco na promoção da saúde da população, na redução das desigualdades e iniquidades sociais, e na elaboração e aperfeiçoamento de políticas públicas de saúde.

A Fiocruz também é responsável pela preservação de importante acervo relacionado ao patrimônio cultural da saúde. Para preservar sua memória, a instituição criou em 1985 a Casa de Oswaldo Cruz (COC), unidade técnico-científica responsável por atividades de pesquisa, ensino, documentação e divulgação da história da saúde pública e das ciências biomédicas no Brasil. Atualmente, sua equipe técnica atua na preservação de edifícios históricos, sítios urbanos, acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos que representam importante fonte de conhecimento. Buscando adotar novas metodologias de interface com o público, foi criado em 1999 o Museu da Vida, concebido como espaço cultural voltado à divulgação científica e popularização da ciência, que atualmente atende cerca de 200 mil pessoas por ano em exposições no *campus* de Manguinhos e itinerantes pelo país.

A importância desse plano de requalificação se revela quando considerados não somente o histórico e a missão da Fiocruz, mas também o alto grau de vulnerabilidade socioeconômica da região onde está situado o *campus*, o bairro de Manguinhos, margeado pela Avenida Brasil e circundado pelo Complexo da Maré, Complexo do Alemão, Caju, Benfica e Bonsucesso.

Vale destacar que, segundo dados de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), Manguinhos ocupa o 122º lugar do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o que não difere das comunidades adjacentes, como a Maré, que ocupa a 123ª posição, e o Complexo do Alemão, a última dentre as 126 posições deste ranking. Inclusive, toda essa macrorregião é caracterizada como a de menor

IDH - R, que é um dos indicadores que compõem o IDH e diz respeito à renda, no município carioca.

Outro aspecto, revelado pela edição 2013 do *Museus RJ: um guia de memórias e afetividades*, da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, se refere à baixa oferta de museus e de outros equipamentos culturais em toda a área adjacente à principal artéria da cidade, a Avenida Brasil, em comparação com outras regiões da cidade.

Por sua vez, a cidade do Rio de Janeiro confirma sua vocação de polo cultural nacional ao implantar uma série de museus de porte como o Museu de Arte do Rio (MAR), o Museu do Amanhã, o novo Museu de Imagem e do Som, que se somam aos museus já existentes e às iniciativas culturais previstas na revitalização das áreas portuária e central da cidade. Tal vocação é reconhecida internacionalmente ao ser essa cidade considerada patrimônio da humanidade, e ser sede de grandes eventos como o da Copa do Mundo em 2014, das Olimpíadas de 2016 e do Congresso Mundial da União Internacional de Arquitetos (UIA) de 2020.

Desse modo, a implantação do Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos se apresenta como uma relevante contribuição para a integração da cidade e de sua agenda cultural com uma área carente de equipamentos culturais, além de se apresentar como importante aporte para a revitalização da memória da saúde pública e da cidade do Rio de Janeiro.

O plano está fundado em valores sólidos forjados por essa instituição, e por princípios, pesquisas e metodologias constituídos pelas distintas disciplinas e pelos profissionais dos campos da preservação patrimonial, da pesquisa científica e da divulgação e educação em ciências e saúde que atuam na Fiocruz. Em sua elaboração, o Plano também contou com a colaboração de diversos especialistas externos, convidados a apresentar sugestões e sua experiência profissional nos campos da museologia, museografia, comunicação em museus, preservação do patrimônio arquitetônico e outros, conforme detalhado no “Anexo B” deste documento.

Os conteúdos apresentados neste documento, além de constituírem um termo de referência institucional, orientarão as ações educativas e de divulgação científica, fornecendo subsídios para a elaboração dos projetos expositivos e demais atividades sugeridas no Plano, e deverão servir como ponto de partida para a formulação de um plano de comunicação e captação de recursos para o Nahm.

3. O valor histórico do Campus Manguinhos

A Fazenda Manguinhos, localizada na freguesia rural de Inhaúma, Rio de Janeiro, foi desapropriada em 1892 pelo Governo Federal para a instalação de fornos de incineração do lixo da cidade. Em 1899, o local passou a abrigar o Instituto Soroterápico Federal, dirigido pelo Barão de Pedro Affonso. A escolha da Fazenda Manguinhos se deu pela reunião de diversas condições favoráveis aos propósitos de pesquisar e produzir insumos para o combate às doenças:

distância da área urbana, o que garantia maior segurança à manipulação de organismos perigosos; oferta de área suficiente para futura expansão dos laboratórios; e pasto para os animais a serem inoculados.

Para iniciar os trabalhos, o Barão convidou Oswaldo Cruz, Ismael da Rocha, Augusto Paulino Soares e Ezequiel Dias, juntando-se a eles no ano seguinte Henrique Figueiredo de Vasconcellos e Antonio Cardoso Fontes. Em 1900, foram inaugurados oficialmente os laboratórios de Manguinhos, instalados em construções remanescentes da fazenda que haviam passado por reformas e adaptações.

Em fins de 1903, começou a remodelação arquitetônica de Manguinhos após Oswaldo Cruz ter sido nomeado, pelo presidente Rodrigues Alves, Diretor Geral de Saúde Pública. Entre 1904 e 1922, foram erguidas as primeiras edificações do arrojado conjunto arquitetônico que substituiu as antigas instalações do Instituto Soroterápico. Para sua execução, Oswaldo Cruz convidou o engenheiro português Luiz Moraes Junior, recém chegado ao Brasil e então responsável pela reforma da Igreja da Penha.

Este instituto federal foi o precursor do Instituto Oswaldo Cruz que, na década de 1970, se tornaria a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), guardiã e responsável pelo conjunto arquitetônico de linguagem eclética denominado Nahm.

A essas edificações iniciais, vieram unir-se outras construções de interesse arquitetônico e histórico, agora com uma expressão arquitetônica modernista, das quais se destacam o Pavilhão Arthur Neiva ou Pavilhão de Cursos (1947-51), o Pavilhão Carlos Augusto da Silva ou Refeitório Central (1948-51), a Portaria da Avenida Brasil (1955-56), e o Pavilhão Henrique Aragão ou Pavilhão da Febre Amarela (1955).

Para um maior detalhamento do histórico de construção das edificações do Nahm e de suas características arquitetônicas, consulte o “Anexo A”.

3.1 O tombamento

O Nahm abriga construções de interesse histórico e cultural reconhecidas pelo governo e pela sociedade. Em 1976, ocorrem as primeiras iniciativas da Fiocruz para o tombamento de alguns de seus edifícios, e, em 1981, efetiva-se o tombamento na esfera federal, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), de três deles, presentes no conjunto eclético original: o Pavilhão Mourisco, a Cavalaria e o Pavilhão do Relógio. Anos depois, em 1985, foi indicado pelo Iphan o traçado de uma poligonal de proteção aos bens tombados, na qual foi preservada extensa área verde, que serviu de referência para o Plano Diretor do Campus de 1988 e para a definição pela própria instituição da área de preservação.

A proteção oficial contribuiu não apenas para salvaguardar a integridade do núcleo histórico pioneiro e de seu entorno, como também para que a política de preservação fosse assumida oficialmente pela instituição.

Em 2001, efetivou-se o tombamento (processo iniciado em 1998) em nível estadual, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac), dos Pavilhões

Arthur Neiva e Carlos Augusto da Silva, ambos de autoria do arquiteto Jorge Ferreira.

Salienta-se ainda o tombamento em nível municipal do Painel de Azulejos de Roberto Burle Marx, instalado no Pavilhão Arthur Neiva.

3.2 O potencial arqueológico

A revelação do potencial arqueológico do campus deu-se em 1966 por pesquisa coordenada pela Dr.^a Maria da Conceição Beltrão (Museu Nacional/UFRJ), realizada em razão do afloramento de vestígios arqueológicos provocado pela queda de um barranco, decorrente de fortes chuvas no verão daquele ano. Foram identificados dois níveis estratigráficos: o primeiro correspondente a uma ocupação em época histórica e o segundo, inferior, a uma ocupação pré-histórica, em que foi encontrada cerâmica indígena (Tupi-Guarani). Nesse momento foi registrado, no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do Iphan, o Sítio Arqueológico de Manguinhos. Os vestígios descobertos foram agrupados em uma pequena coleção que está sob a guarda do Museu Nacional. Pesquisas posteriores, realizadas nas décadas de 1970 e 1980, ainda pela arqueóloga Maria da Conceição Beltrão, apontam o registro da Aldeia e Aldeamento Tupi-Guarani de Manguinhos e a possível ocupação humana no período Pleistoceno Médio (mais de 130 mil anos) pelo achado de artefatos líticos. Ao longo do tempo, diversas descobertas fortuitas evidenciaram novos vestígios arqueológicos, em consequência da movimentação de terra requerida pela construção de novas edificações. Em 2011, foi contratado e realizado um serviço de identificação do potencial arqueológico para o *campus* de Manguinhos, coordenado pela Dr.^a Tania Andrade Lima (Museu Nacional/UFRJ). Esse trabalho levantou o potencial da área do *campus* fora da poligonal de preservação e identificou três setores com alto potencial arqueológico. Nestes setores foram encontrados diversos remanescentes históricos: na área chamada de Expansão do *campus* Manguinhos, descobriram-se vestígios do antigo cais; na área de entorno do Pavilhão de Hanseníase, encontraram-se duas camadas arqueológicas; e na área do Parque da Ciência, foram encontrados vestígios de duas estruturas arquitetônicas, anteriormente identificadas em pesquisas históricas e descobertas fortuitas. A primeira e mais antiga corresponde à antiga bateria de fornos do complexo de incineração de lixo urbano da cidade do Rio de Janeiro e a segunda, que sucede estratigraficamente a anterior, corresponde à antiga estrebaria cuja construção é da década de 1930.

Sabendo-se da possibilidade de encontrar vestígios arqueológicos do antigo complexo de incineração acima citado, foi realizada recentemente pesquisa arqueológica, antecedendo a construção no local da edificação que abrigará o Centro de Documentação e História da Saúde (CDHS). A pesquisa evidenciou estruturas correspondentes às fundações de um antigo depósito e da chaminé acoplada a um possível forno.

II. PROPOSTA

1. Princípios

Como princípio central para desenvolvimento deste plano, há de se considerar que as intervenções em sítios e conjuntos históricos devem ser pautadas por quatro esferas que traduzem a ação humana num dado lugar ao longo do tempo: a esfera cultural, que abarca os valores artísticos e históricos; a esfera social, que abarca os aspectos simbólicos e da memória; a esfera ética, que compreende o direito de transmissão e fruição entre gerações dos testemunhos, da vida cotidiana e das memórias individuais e coletivas; e, por último, a esfera científica, por se tratar de um lugar notável de geração de conhecimento que constituiu acervos culturais e científicos com enorme potencial para fomentar novas pesquisas em diferentes áreas da ciência.

São também princípios norteadores na definição do Plano de Requalificação do Nahm:

- a. O fortalecimento da relação entre uma instituição de ciência e tecnologia e a sociedade no campo da saúde.
- b. A requalificação sustentável do núcleo, o que compreende:
 - A melhoria da qualidade de trabalho e de vida dos trabalhadores e usuários do Nahm;
 - A valorização do patrimônio cultural e natural;
 - A melhoria da coesão social com o fomento da ideia de cidadania e da valorização da diversidade cultural e étnica;
 - A promoção da vitalidade socioeconômica (para a instituição e região de entorno);
 - A eficiência de recursos naturais e a diminuição do impacto ambiental.
- c. A preservação da singularidade e identidade da instituição e a manutenção do cotidiano e do trabalho em curso.
- d. A manutenção dos usos e ocupações que não comprometam a integridade do núcleo e de suas edificações, evitando a invenção de novos significados ou da “ressignificação” excessiva, que impeça a leitura ou a percepção da cultura institucional e da vida cotidiana.
- e. A consideração dos impactos econômicos e socioculturais no campus e de sua relação com as diferentes comunidades de pesquisa, ensino, serviço e produção na instituição.
- f. A intensificação da relação com a cidade, principalmente com o entorno do campus.
- g. A manutenção da representação política da instituição.
- h. O Plano de Ocupação da Área Preservada (Poap) do *campus* Manguinhos e o Plano Diretor do Campus Manguinhos como referências orientadoras.

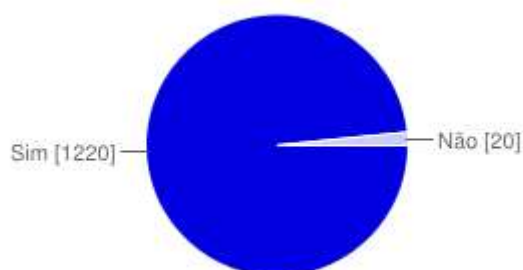
2. Públicos

Um dos principais desafios do Projeto de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (Nahm) consiste no conhecimento dos frequentadores do *campus* da Fiocruz e na definição dos principais segmentos de público, o que contribuirá para uma melhor orientação estratégica do projeto, para a conceituação e planejamento das exposições e das ações educativas, informativas e de lazer a serem desenvolvidas nos espaços criados, bem como para a proposição de planos de comunicação e de captação de recursos eficientes.

O público que atualmente circula pelo *campus* é de aproximadamente 15.400 pessoas/dia, segundo dados fornecidos pelo Grupo de Trabalho do Plano Diretor da Fiocruz Manguinhos. Este número inclui 9.500 trabalhadores (Fonte: Direh), 4.300 estudantes (Fonte: Unidades), 1.300 visitantes (Fonte: Dirac) e 300 crianças na Creche (Fonte: Direh), o que representa uma densidade demográfica de 200 habitantes/hectare¹.

Uma enquete online dirigida aos trabalhadores e estudantes da Fiocruz, entre fevereiro e abril de 2014, confirmou o amplo interesse dos respondentes em trazer a família e/ou amigos para o campus de Manguinhos; como também identificou os temas preferidos para futuras exposições.

Traria minha família e/ou amigos para visitar os prédios históricos e o campus de Manguinhos



Sim	1220	98%
Não	20	2%

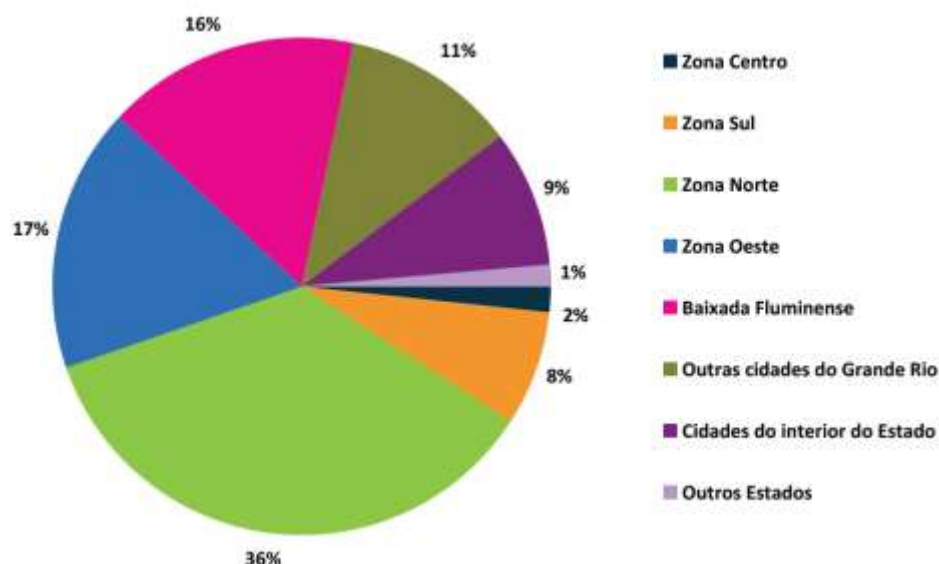
¹ Para fins comparativos, o *campus* de Manguinhos tem densidade demográfica cinco vezes maior que a cidade de Niterói, duas vezes maior que o bairro da Urca. Outra referência é o campus do *National Institute of Health*, em Maryland, Estados Unidos, cuja densidade equivale a 172 hab./hectare.

Temas para exposições (por ordem de preferência)

História da saúde pública	60%
Manguinhos e sua relação com a cidade do Rio de Janeiro	58%
Atividades realizadas pela Fiocruz	57%
Saúde e ambiente	56%
Temas relacionados à Ciência e Tecnologia	55%

Outra fonte importante de informações a respeito do público da Fiocruz são os dados² gerados pelo Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus (Nepam) do Museu da Vida, que recebe em suas exposições no *campus* de Manguinhos uma média anual de 51 mil visitantes. O público característico das visitas durante a semana (agendadas) é composto principalmente por estudantes de escolas públicas e privadas na faixa de idade entre 10 e 15 anos (58%), seguido de crianças de 5 a 10 anos (20%), e de jovens entre 15 e 20 anos (15%). A grande maioria das escolas que frequentam o Museu localizam-se na Zona Norte.

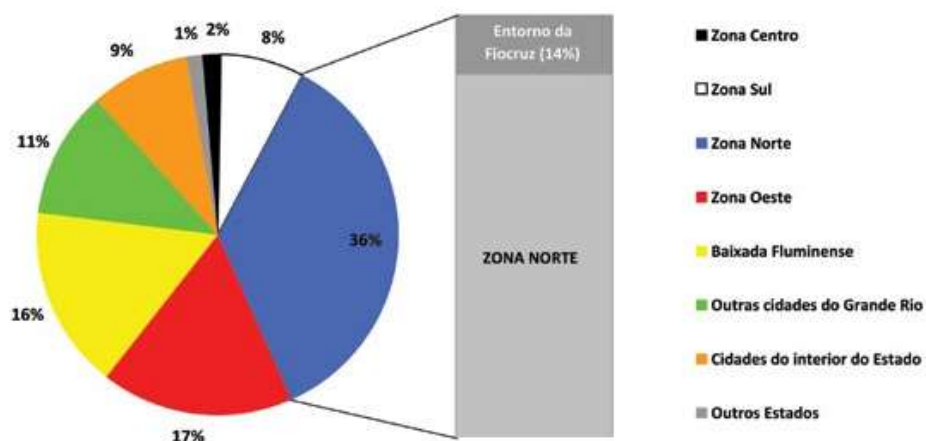
Visitas Escolares - composição das regiões de origem das escolas 1999 a 2008 (Total Geral = 6.144 visitas escolares)



² As pesquisas de público do Museu da Vida estão detalhadas nos Cadernos Museu da Vida Nº 1 (2008) e Nº 2 (2009), e na pesquisa do Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC), realizada em 2009.

Já o perfil do público visitante de fim de semana (espontâneo) do MV é predominantemente feminino (74%). Tem entre 20 e 49 anos de idade, nível superior completo ou incompleto (63%) e renda familiar de até seis salários mínimos (85%). É sobretudo proveniente da Zona Norte (34%, dos quais 15% vem de bairros do entorno da Fiocruz).

Distribuição relativa dos visitantes de final de semana do MV segundo as regiões geográficas (2009)



O meio de divulgação mais citado pelos visitantes do MV foi o "boca a boca" (83%), em detrimento da mídia tradicional de massa. Esse dado, por um lado, alerta para a necessidade de criação de um Plano de Comunicação para o Nahm; por outro, demonstra que as atividades empregadas pelo Museu são muito bem aceitas pelo grupo majoritário de visitantes.

Os principais motivos das visitas foram o interesse em conhecer o museu, ver as exposições, experimentar coisas novas ou divertir-se, ao passo que o principal fator dificultador das visitas foi a falta de divulgação e informação (59%).

Outra pesquisa recente do Nepam (2013) permitiu um mapeamento dos principais interesses dos visitantes. Biologia e Saúde estão no topo do ranking (51%). Astronomia, Física e Tecnologia aparecem em 18% dos comentários, o mesmo percentual alcançado por Diversão e Interatividade. Esses resultados apontam para o reconhecimento da Fiocruz como uma instituição de Ciência e Tecnologia, sendo o contato com esse universo o que público espera encontrar ao visitar o *campus* de Manguinhos.

Os públicos potenciais do Nahm foram divididos em:

Internos:

- Trabalhadores da Fiocruz: servidores, terceirizados e estagiários;
- Estudantes de cursos oferecidos pelas unidades da Fiocruz: formação inicial e continuada, nível médio, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado;

- c. Pesquisadores visitantes, bolsistas de iniciação científica, bolsistas de iniciação tecnológica e inovação, bolsistas de vocação científica).

Externos:

Público de crianças, jovens e adultos. Dentre eles:

- a. Famílias;
- b. Professores, pesquisadores, profissionais das áreas da ciência e da saúde;
- c. Estudantes do nível fundamental, médio e superior (graduação e pós-graduação);
- d. Públicos específicos: pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, terceira idade, entre outros;
- e. Comunidades do entorno;
- f. Visitantes da cidade do Rio de Janeiro, Baixada Fluminense, outras cidades da Grande Rio e cidades do interior do Estado do Rio de Janeiro;
- g. Turistas nacionais (outros estados) e estrangeiros.

Um Plano de Comunicação será elaborado de modo a permitir um maior contato e envolvimento desses públicos nas ações e atividades do Nahm. Os estudos já realizados demonstram um enorme potencial de visitação do *campus* de Manguinhos, uma vasta gama de temas de interesse a serem explorados e demanda por novas e diversificadas atividades e espaços culturais.

3. Considerações iniciais

3.1 Marcos institucionais

Dentre as marcas desta instituição centenária, uma certamente é a constituição de acervos culturais de diferentes tipologias e sua resolução em preservá-los e torná-los acessíveis. Essa determinação pode ser evidenciada por distintos atos como: constituição dos museus de patologia e do Oswaldo Cruz nos anos 1920; a iniciativa de solicitação pela própria instituição, em 1985, à antiga Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) da extensão do tombamento ocorrido em 1981; a inclusão, no Artigo 1º, inciso X do estatuto da instituição, da finalidade de *“preservação, valorização e divulgação do patrimônio histórico, cultural e científico da instituição, e sua contribuição para a preservação da memória da saúde e das ciências biomédicas”*; e, finalmente, a constituição de uma unidade técnico-científica, a Casa de Oswaldo Cruz, com responsabilidade para tal.

Esse compromisso foi reafirmado na instituição como parte da sua Estratégia de Longo Prazo (2011 - 2022), enfatizado pelos objetivos de fortalecer e aprimorar a gestão dos acervos arquivístico, biológico e bibliográfico; e de promover a excelência na gestão, conservação e difusão do patrimônio científico e cultural. Soma-se a esses objetivos o fortalecimento das ações de popularização da ciência, sobretudo pela combinação de ações de comunicação, educação,

divulgação científica e promoção da saúde, entendida como parte integrante do fazer científico. Ainda com base no mesmo documento estratégico, foram aprovados o desenvolvimento e a implantação do Plano Diretor de Ocupação do Campus da Fiocruz em Manguinhos, tendo como etapas preliminares o plano de diretrizes urbanísticas, o plano de preservação ambiental e o plano de preservação da área de interesse histórico. Esse último foi concluído em 2011 como Plano de Ocupação da Área Preservada (Poap) e aprovado pelo Conselho Deliberativo da Fiocruz em dezembro de 2013.

No contexto externo, vale destacar a Declaração de Curitiba sobre patrimônio e ciência, fruto da reunião do “*International Council on Monuments and Sites*” (Icomos), ocorrida em 2009, cujas principais recomendações foram: o estreitamento da relação entre políticas de preservação e disponibilização de informações à sociedade; a integração da conservação científica à questão social e ao desenvolvimento sustentável; e a garantia do acesso público ao conhecimento produzido sobre a conservação de bens culturais. No ano seguinte, em Brasília, a 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação destacou o fato de a ciência e a tecnologia serem tanto responsáveis pela produção de patrimônio, como dele usufruírem como fonte de pesquisa e construção da cultura científica. Recomendou ainda em seu documento final a promoção de políticas e programas nacionais para recuperação, preservação, valorização e acesso público ao patrimônio científico, tecnológico e cultural brasileiro.

Em consonância com essas recomendações, valem ainda ser destacadas algumas ações promovidas pela Fiocruz que lograram repercussão nacional e internacional. A instituição tornou-se desde 2011 membro do Conselho Executivo Interino do *Scientific Collections International* (SciColl), iniciativa fomentada pelo *Global Science Forum* da *Organization for Economic Co-operation and Development* (OCDE) para criar uma rede global de coordenação interdisciplinar de coleções científicas. Também possui em seu quadro de servidores um membro do diretório executivo da *World Federation of Culture Collection* (WFCC), reeleito em 2013 para um período de mais 3 anos. No âmbito regional, a COC é, desde 2009, coordenadora da rede da Biblioteca Virtual em Saúde, História e Patrimônio Cultural da Saúde, uma iniciativa de cooperação técnica entre instituições e indivíduos, na América Latina e Caribe, com o objetivo de fortalecer e valorizar a história e o patrimônio cultural como conhecimentos que devem integrar as políticas e os sistemas nacionais de saúde. Ressalta-se ainda que a instituição teve eleito um dos seus servidores para dirigir no período 2014 - 2015 a *Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología para América Latina y el Caribe* (RedPOP), criada em 1990 pela Unesco como uma rede interativa que agrupa centros, museus e programas de popularização da ciência e da tecnologia na região.

Um fato relevante e que contribui com a proposta deste plano é o desenvolvimento e implantação do Preservo - Complexo de Acervos da Fiocruz. O Preservo, anteriormente denominado como Complexo de Preservação e Difusão dos Acervos Culturais e Científicos da Saúde (CPDACCS), tem como objetivo estabelecer infraestrutura adequada à preservação do patrimônio científico e cultural da instituição, tendo como eixo uma política de

preservação e gestão fundada na conservação integrada, na conservação preventiva, no gerenciamento de riscos, em estratégias sustentáveis e na articulação com as tecnologias de informação e comunicação, de modo a tornar acessível ao público o conhecimento produzido sobre e a partir dos acervos culturais e científicos da Fiocruz. Esse projeto conta com recursos do BNDES, que reconheceu seu caráter inovador e estruturante na área de preservação e difusão de acervos científicos, em especial pela oportunidade de disponibilização de bases de dados interoperáveis. O Preservo prevê a implantação de plataformas multiusuários de digitalização para cada tipologia de acervo (biológico, arquivístico, bibliográfico e museológico) e busca consolidar uma rede constituída pelas diversas unidades da instituição que são responsáveis pela tutela desses acervos científicos e culturais.

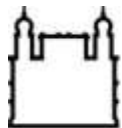
3.2 Diretrizes

Este plano prevê a requalificação do Nahm, de modo a:

- a) ampliar a visitação dos públicos interno e externo, reconhecendo e valorizando sua diversidade;
- b) respeitar a harmonia existente entre as características arquitetônicas e os usos originais, de modo a registrar as modificações sofridas ao longo do tempo e explicitar as múltiplas dimensões simbólicas e temporais ali presentes de forma mais dinâmica e crítica;
- c) considerar em sua ocupação, em conformidade com o Poap e sua proposição de “*campus parque*”, as vocações de pesquisa, educação, divulgação científica, preservação patrimonial e ambiental, e de atividades socioculturais voltadas à população;
- d) valorizar a produção atual do conhecimento nos campos de atuação da Fiocruz;
- e) fortalecer as ações de compartilhamento do conhecimento produzido na instituição e da história da saúde com a sociedade;
- f) reforçar a centralidade da divulgação e educação em ciências no estímulo à discussão crítica e pública da ciência, tecnologia e saúde, além de encorajar novos talentos à prática da atividade científica;
- g) considerar as coleções biológicas e os acervos culturais como objetos integrados, tanto no núcleo histórico, quanto na concepção do *campus parque* e do Preservo.

4. Delimitação das áreas de ocupação

O Plano de Requalificação considera cinco macroáreas como referências de uso e ocupação, e que a partir delas se definirão as delimitações de espaços e se desenvolverão os programas de necessidades.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz



Legendas:



Áreas de Atividades de
Educação e Divulgação Científica



Áreas de Infraestruturas para Eventos
Técnico-científicos e Culturais



Áreas de Representação
Político-institucional



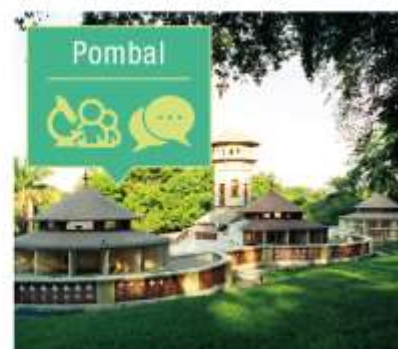
Áreas de Manutenção
das Atividades Atuais



Áreas de Convívio
e Espaços Públicos



Pav. Henrique
Aragão



Pombal



Antigo
Almoarifado



4.1 Áreas de representação político-institucional

Coerente com o princípio de manutenção da representação política institucional no plano de requalificação, serão melhor planejadas as ocupações de áreas pela Presidência, pelas Vice-presidências e pela Diretoria do IOC, que devem permanecer ocupando espaços do Nahm

4.2 Áreas de manutenção das atividades atuais

Alinhado aos princípios de uma ocupação que preserva a identidade da instituição, incluindo seu cotidiano e o trabalho em curso, serão mantidos nos espaços atuais: a Biblioteca de Livros Raros e o Salão de Leitura; a Coleção Entomológica; a editoria da Revista Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (IOC); e aquelas já utilizadas para a divulgação científica através de exposições.

4.3 Áreas de atividades de educação e divulgação científica

A ocupação de áreas com estas atividades está coerente com os princípios supracitados, em especial ao que destaca a necessidade de se intensificar a relação da instituição com a cidade e seu entorno e ao que toma como base a proposição de “*campus parque*” e considera em sua ocupação as vocações de pesquisa, educação, divulgação científica, preservação patrimonial e ambiental e de atividades socioculturais voltadas à população. Para o desenvolvimento dessas áreas são propostos cinco eixos temáticos que possibilitam o seu desdobramento em temas que deem conta de diversos contextos, abordagens, visões e temporalidades. Ratifica-se assim o objetivo de ampliar a oferta de espaços e de atividades educativas, culturais e de divulgação científica à população interna e externa.

4.4 Áreas de infraestruturas para eventos técnico-científicos e culturais

Considerando que o *campus* Manguinhos da Fiocruz comporta atualmente 10 auditórios³, sendo que apenas dois deles têm espaço para mais de 150 pessoas, e o seu maior auditório (Ensp) dispõe de aproximadamente 238 lugares, a demanda por espaços e infraestruturas para eventos científicos é crítica e de tal ordem que as agendas de ocupação dos auditórios estão sempre lotadas, exigindo antecipação de marcação, e, em alguns casos, a necessidade de realizar eventos em espaços de outras instituições. A ocupação proposta para o Nahm o qualifica como potencial área de convenções científicas e culturais. Para tal, há o prédio que abrigava o antigo almoxarifado da Fiocruz e que hoje é ocupado pela Procuradoria Federal e pelo Centro de Relações Internacionais em Saúde (Cris). Com a transferência destas ocupações para o futuro Centro de Administração, esse espaço ganha a possibilidade de abrigar um projeto de auditório com capacidade para até 400 lugares, incluindo salas multifuncionais e infraestrutura de suporte adequada.

³ Considerando o total de auditórios, o número de assentos disponíveis é de aproximadamente 1.300 lugares.

4.5 Áreas de convívio e espaços públicos

Com base no princípio da requalificação sustentável, justifica-se a necessidade de ampliar a fruição do Núcleo e de suas edificações por parte da comunidade da instituição e dos seus visitantes. Áreas de contemplação, de lazer, e de reuniões informais são cada vez mais demandadas nos *campi* universitários e por instituições contemporâneas dessa natureza.

5. Eixos Temáticos

Para o desenvolvimento do conteúdo dos eixos temáticos foram consideradas as principais áreas de atuação da Fiocruz e os acervos constituídos ao longo de sua história. Foram também incorporados os temas centrais ao Museu da Vida, que são a vida enquanto objeto do conhecimento, a saúde como qualidade de vida e a intervenção dos indivíduos e da sociedade sobre a vida. A oportunidade aqui apresentada permite um reposicionamento do Museu da Vida, considerando a ampliação do foco nas ciências da saúde; maior interdisciplinaridade; menor ênfase na escolarização; e atuação em prol de mais cultura, memória, e lazer para um público mais amplo e diversificado. Para tanto, o termo Vida encerra enorme potencial, permitindo a exploração das interrelações entre os diferentes eixos abaixo e sua conexão com outros projetos desenvolvidos pela COC e Fiocruz.

5.1 Saúde pública no Brasil

Este eixo terá como ponto de partida as campanhas sanitárias na 1ª República, num contexto de reorganização e reestruturação da saúde pública no país. Dar-se-á atenção à implementação de políticas de saúde em âmbito nacional e às ações de saúde dela decorrentes. O contexto do pós-segunda guerra mundial é oportunidade para discussão das conexões entre saúde e desenvolvimento, bem como para reflexão acerca das transformações operadas nas práticas e no conceito de saúde. Num cenário mais recente, o eixo contemplará as discussões pela Reforma Sanitária e a universalização do direito à saúde que culminaram na implementação do Sistema Único de Saúde (SUS). Destacará também a atuação da Fiocruz para o desenvolvimento do SUS na proposição de subsídios para as ações de saúde e de gestão do sistema, bem como na formação de recursos humanos e na produção de fármacos e imunobiológicos no país. Diante disso, a transformação e a expansão nacional e internacional da instituição são pontos centrais nesse eixo.

Entre os temas a serem explorados nos projetos expositivos e que se articulam com os demais eixos, destacam-se: a fundação do Instituto Soroterápico Federal e as campanhas sanitárias na 1ª República; as expedições científicas: a construção da nação e a reorganização do aparato estatal da saúde; a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública e as reformas na saúde no período Vargas; a Fiocruz no contexto dos debates sobre o desenvolvimento e as ações de ciência & tecnologia; a Fiocruz e o Movimento da Reforma Sanitária; a Fiocruz e o Sistema Único de Saúde.

5.2 Ciência e tecnologia em saúde

O eixo tem como fundamento a perspectiva da inovação científica e tecnológica em saúde, que se expressa tanto na produção de vacinas quanto na geração de conhecimentos no campo das ciências biomédicas, especialmente da medicina tropical. Os temas tratados neste eixo exemplificarão as relações existentes entre a produção de ciência e tecnologia em saúde e sua relação com as demandas sociais e diretrizes políticas nacionais e internacionais em saúde.

A pesquisa, o desenvolvimento e a produção das vacinas e o fortalecimento do Complexo Industrial da Saúde deverão ser abordados por intermédio de recursos museológicos tradicionais, apoiados na exibição contextualizada de acervos museológicos e documentais, e em modernas tecnologias multimídia.

Objetos de época permitirão, por exemplo, a recriação expositiva de um laboratório de bacteriologia a ser instalado no Pavilhão do Relógio, edifício construído por Oswaldo Cruz para sediar os trabalhos de pesquisa e produção de soros e vacinas contra a peste bubônica. Este laboratório - o primeiro de valor histórico recriado *in situ* no Brasil - servirá como ponto de partida para outras articulações com temáticas relacionadas à pesquisa e à produção de imunobiológicos, um dos pilares da atuação da instituição ao longo de sua história.

A partir da definição conceitual do eixo centrada na inovação, percebe-se interfaces com o eixo “Saúde pública no Brasil”, notadamente no que se refere à implementação de políticas que mobilizam conhecimentos e tecnologias desenvolvidos na Fiocruz.

5.3 Saúde, ambiente e sustentabilidade

Neste eixo serão explorados conceitos relacionados aos impactos das atividades humanas sobre o ambiente, como: a degradação progressiva dos ecossistemas, a contaminação crescente do solo e da água, o aquecimento global, opções ligadas à matriz energética e à disposição inadequada de resíduos, poluição atmosférica e uso indiscriminado de agrotóxicos. Também serão considerados os efeitos das precárias condições de trabalho e moradia e o impacto dos desastres naturais sobre a saúde.

Outra perspectiva a ser abordada é o uso sustentável dos recursos como fonte de saúde e o aproveitamento da biodiversidade com o seu uso em pesquisa científica e tecnológica.

Esse eixo temático é relevante, pois a OMS estima que 30% dos danos à saúde estão relacionados aos fatores ambientais citados acima. Estes dados corroboram com a teoria da determinação social da saúde, que pretende explicar o processo saúde-doença levando em consideração a forma como a sociedade se organiza, constrói sua vida social e intervém sobre o ambiente natural e não apenas as questões de natureza biológica ou comportamental dos indivíduos. Este enfoque ampliado sobre os processos produtores de saúde e doença favorece particularmente o estabelecimento de conexões entre os

diversos temas contemplados dentro deste eixo e também seu alinhamento com o discurso institucional.

O crescimento de doenças emergentes e reemergentes, muitas das quais relacionadas aos impactos sobre a biodiversidade no Brasil e na América Latina, também está vinculado diretamente às mudanças empreendidas pelas atividades humanas. Em escala global, essas questões estão ligadas ao próprio modelo de desenvolvimento que não considera a questão da sustentabilidade socioambiental.

Esse eixo articula-se com todos os outros quatro eixos previstos no Plano de Requalificação do Nahm. No que se refere ao eixo “Fiocruz e as cidades”, uma maneira privilegiada de abordar estes temas é a própria história da ocupação do espaço pela Fiocruz em Manguinhos (com destaque para o afastamento da linha costeira por sucessivos aterros e da eliminação dos manguezais) e sua constituição como ‘área verde’ em meio a uma região conflagrada. Em relação ao eixo “Acervos Culturais da Saúde”, podemos citar a exploração de trilhas histórico-ecológicas no campus, incluindo o Horto Botânico e Jardins de Plantas Medicinais e Sensoriais, e o uso de prédios históricos como centros de visitação, tal como o Pombal. Para o eixo “Ciência e Tecnologia e Saúde”, pode-se mencionar o uso da biodiversidade para a saúde a ser explorado em espaços como a Cavalariça. E, por último, em relação a “Saúde pública no Brasil”, a interface se dá com as “Determinações Sociais em Saúde”, com destaque para as intervenções sobre saneamento básico, condições adequadas de trabalho e moradia, tratamento de resíduos e controle de agrotóxicos.

5.4 Acervos culturais da saúde

Este eixo tem como objetivo apresentar à sociedade os diversos acervos da instituição, evidenciar sua expressão e reconhecimento nacional e internacional e destacar seu valor histórico e científico. No cenário mundial, são raras as instituições de pesquisa e de ensino que possuem e conservam, com equipes próprias de especialistas, acervos arquitetônicos, urbanísticos, arqueológicos, bibliográficos, biológicos, museológicos e arquivísticos.

Este eixo se articula com as pesquisas de inventário do patrimônio cultural da saúde, coordenadas pela COC, e com o Preservo - Complexo de Acervos da Fiocruz, que institui diretrizes, metodologias e padrões de excelência na preservação do patrimônio cultural da instituição e constitui plataformas multiusuários de digitalização para as diferentes tipologias de acervos. Uma versão deste vasto material digitalizado estará acessível ao público em espaços do Nahm. A apresentação desse acervo em suporte digital pode ser complementada com a exposição de painéis, espécimes e objetos reais.

Também possibilitará a integração de acervos que se encontram sob tutela de diversas unidades da Fiocruz pela constituição de projetos matriciais.

Em relação ao eixo “Fiocruz e as cidades”, os acervos arquitetônico, urbanístico e arqueológico dos *campi* Manguinhos e Mata Atlântica permitem abordagens das transformações urbanísticas e dos costumes da cidade, sob diferentes perspectivas. Com o eixo “Ciência e tecnologia em saúde”, destaca-se a criação das primeiras edificações para pesquisa e produção de imunobiológicos e suas

soluções arquitetônicas e tecnológicas. A interface com o eixo “Saúde pública no Brasil” se dá, entre outras possibilidades, por meio das coleções biológicas e acervos constituídos durante as campanhas sanitárias e as expedições realizadas pelo litoral e pelo interior do país. Finalmente, com o eixo “Saúde, Ambiente e Sustentabilidade”, a questão das mudanças climáticas e sua relação com a preservação do patrimônio cultural é um campo emergente de pesquisa e debate internacional.

5.5 Fiocruz e as cidades

Neste eixo poderão ser trabalhadas as relações entre os diversos *campi* da instituição com as cidades onde se situam. Cidade, território, e cultura são temas contemporâneos que suscitam debates e reflexões relevantes para as áreas das ciências e da saúde.

Especificamente à cidade do Rio de Janeiro, poderão ser trabalhadas diferentes questões relacionadas ao processo histórico e socioeconômico de ocupação da macrorregião onde foi estabelecido o Instituto Soroterápico Federal. Área que passou pela presença dos Tupinambás, foi parte de duas sesmarias que deram origem à Fazenda do Engenho Novo e do Engenho da Pedra, transformada em freguesia autônoma em 1743 - Freguesia de Inhaúma. A região conheceu ainda a lavoura açucareira, o desenvolvimento do ciclo do ouro em Minas Gerais, que contribuiu para o aumento do comércio local, e compartilhou das mudanças socioeconômicas produzidas pelo nascente ciclo do café. No final deste, presenciou a expansão de culturas diversificadas de alimentos que induziram o crescimento populacional e a proliferação de loteamentos residenciais, acompanhando a expansão do transporte ferroviário: a atual estação de Manguinhos foi aberta em 1886, chamada na época de Amorim e, mais tarde, Carlos Chagas. É neste contexto que a Fazenda Manguinhos, situada na orla pantanosa, foi eleita para abrigar o Instituto Soroterápico Federal. Este eixo poderá contemplar, assim, temas relativos às ocupações e usos da Fazenda e entorno nesse período anterior à instalação do Instituto, destacando a construção do complexo de fornos de incineração de lixo da cidade. Os conteúdos deverão ainda abranger os cenários que o Instituto Oswaldo Cruz presenciou posteriormente como: o adensamento urbano a partir dos anos 40, em paralelo à abertura da Avenida Brasil, a industrialização da área por volta da década 1950, incrementada pela instalação de várias empresas públicas e privadas na década de 70, e o declínio no final do século XX, convertendo-se em território de alta vulnerabilidade social. Neste processo e a partir destes cenários urbanos foram sendo construídas e fortalecidas as relações entre a Fiocruz e a cidade do Rio de Janeiro, que transpõem a esfera científica e assistencial, abrangendo ações educativas e socioculturais. As relações entre a instituição e a cidade incluem as diversas ações e estudos realizados nos entornos dos diversos *campi* no município e na implantação futura de novos *campi*, que significarão no tempo a presença institucional nas zonas norte, sul e oeste da cidade.

Os projetos sinalizados a partir deste eixo deverão articular, para seu desenvolvimento, diferentes unidades da Fiocruz e outras instituições, e

possibilitam abordagens integradas, em especial com os eixos “Saúde pública no Brasil”, e “Saúde, Ambiente e Sustentabilidade”.

6. Programas preliminares de ocupação das edificações do Nahm

Os programas devem ser mensurados de forma a garantir a representatividade das cinco grandes áreas temáticas delimitadas. No entanto, é importante considerar que a utilização dos espaços deverá levar em conta a integridade das edificações históricas a fim de preservar seus valores significativos.

Pavilhão Mourisco

O Pavilhão Mourisco tem como proposta preliminar continuar abrigando a representação político-institucional na sua instância máxima que é retratada por sua Presidência e assessores diretos. Ainda neste pavilhão, está sendo considerada a manutenção da direção do Instituto Oswaldo Cruz (IOC).

Outra macroárea a ser contemplada será a de permanência de atividades atuais, importantes para a história e memória da instituição e que fazem parte de seu acervo cultural: a Coleção Entomológica, a Biblioteca de Obras Raras e a Revista Memórias do IOC. Permanecerão ainda os espaços expositivos atuais, mas com a ampliação de salas dedicadas às áreas de educação e divulgação científica. Em especial, estarão contemplados os eixos temáticos “Fiocruz e as cidades”, “Acervos Culturais da Saúde”, e “Saúde pública no Brasil”.

Finalmente, serão disponibilizadas algumas salas multiuso e multimídias, contemplando a área de infraestrutura para eventos técnico-científicos e congressos.

Cavalaria

A proposta para esta edificação é reformular o espaço atual de forma que sua ocupação possa englobar vários eixos temáticos. No caso, a proposta em vigor está centrada principalmente nos eixos “Ciência e Tecnologia em Saúde” e “Saúde, Ambiente e Sustentabilidade”, mas transita também pelos eixos “Acervos culturais da Saúde” e “Saúde pública no Brasil” e se estende ao Pavilhão da Peste. O tema é “O macro e o micro da vida”, organizado estruturalmente nos determinações sociais da saúde, e se desdobra em três vertentes: “Saúde e a organização microscópica da vida (complexidade microbiológica da vida)”; “Diversidade da vida e suas relações (complexidade biológica da vida)”; e por último, “As relações sociais e saúde (complexidade social da vida)”.

Com o desafio de fugir do estruturalismo e apresentar uma exposição não-linear, com múltiplas entradas e saídas, a narrativa se expressa em três módulos: o ser humano como ecossistema; o ecossistema do ser humano; o ser humano e os ecossistemas naturais.

Pavilhão do Relógio

Pretende-se que este pavilhão seja mais um dos espaços integrados ao circuito de visita, integrando novamente a área de educação e divulgação científica. A proposta de ocupação a ser desenvolvida está centrada especialmente no eixo “Ciência e Tecnologia em Saúde” e guardará estreita relação com a ocupação proposta para a Cavalaria.

Pavilhão Figueiredo de Vasconcelos

Propõe-se que esta edificação seja em parte ocupada pelas vice-presidências da Fiocruz, permitindo um trabalho integrado e contemplando os princípios da manutenção do trabalho cotidiano e da representação institucional. Nas demais partes, correspondentes a metade da edificação, pretende-se que sejam ocupadas por atividades que abranjam as áreas temáticas de educação e divulgação científica (exposições temporárias), de convívio e espaços públicos e de infraestruturas para eventos técnico-científicos.

Pombal

O programa do Pombal tem como objetivo participar acentuadamente na qualificação dos espaços de convívio, assim como no crescimento da área de educação e divulgação científica, com foco no eixo “Saúde, Ambiente e Sustentabilidade”.

Casa de Chá e Anexo

Para esta edificação, pretende-se manter seu uso atual como restaurante e café, classificando-a também com área de convívio e espaço público.

Praça Pasteur

Como espaço de integração das edificações do Nahm, a praça tem vocação própria: a de convergência. É esse significado que deverá ser tratado em seu programa, transformando-a num dos principais ambientes de convívio e lazer.

Antigo Almoxarifado

A ocupação proposta para o Nahm o identifica como potencial área de convenções técnico-científicas. O fato de esta edificação não ser tombada e o de apresentar características arquitetônicas e construtivas que permitem maior flexibilidade para o desenvolvimento de um projeto de auditório a qualificam como o elemento de maior vulto no incremento da área de infraestruturas para eventos científicos.

Pavilhão Henrique Aragão

Inserido dentro dos limites do circuito já existente, prevê-se que esta edificação tenha como nova ocupação uma reserva técnica para os achados arqueológicos da instituição, o que guarda uma interessante relação com a sua vizinhança constituída pela Reserva Técnica Museológica, o Caminho Oswaldo Cruz, o Pombal e o sítio Arqueológico de Manguinhos. Essa ocupação está em consonância com a da área de educação e divulgação científica, em especial com a do eixo “Acervos Culturais da Saúde”.

7. Gestão dos espaços

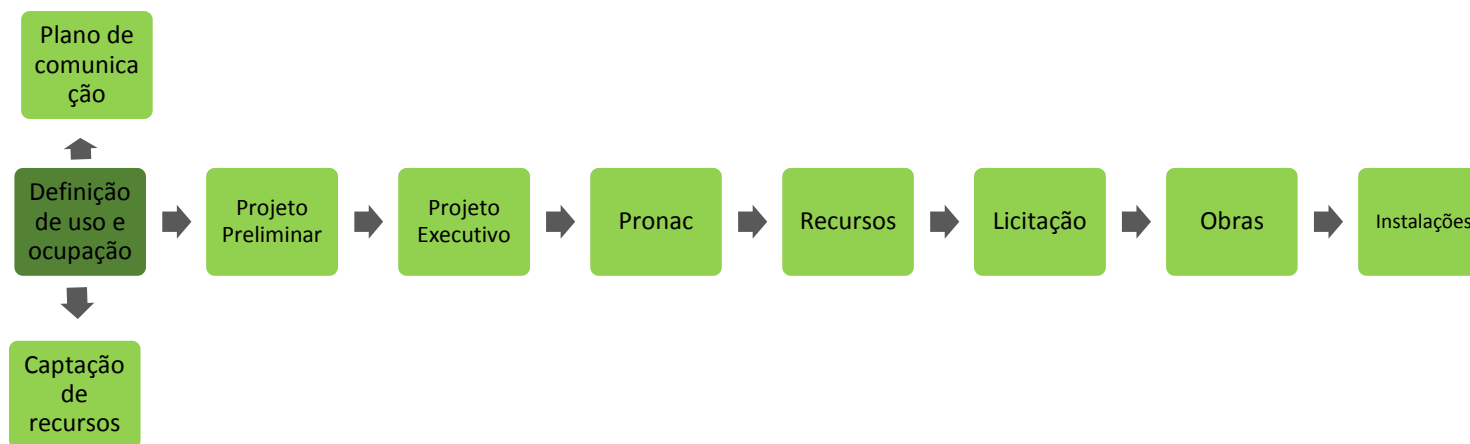
A requalificação do Nahm requer o desenvolvimento de um programa de gestão dos espaços em função dos novos usos. Esse programa deverá contemplar minimamente a definição de responsáveis pelos espaços e formas de exercício destas responsabilidades, uma vez que está prevista no plano de requalificação a presença de múltiplos atores institucionais, e há de se preservar as demandas e funções específicas desses espaços, garantindo a interação e compatibilização de interesses em prol da unicidade e da integridade dos valores, princípios e objetivos centrais que constituem o cerne deste plano.

Outro ponto relevante a ser considerado num programa de gestão é a sustentabilidade das novas ações previstas e que implicam no custeio de pessoal qualificado e de manutenção, no planejamento de novos investimentos, de modo a manter os espaços atuais, inovadores e instigantes aos propósitos institucionais e aos olhos dos visitantes e usuários. Essa sustentabilidade implica ainda na concepção de estratégias que permitam o acesso do público externo sem comprometimento das atividades cotidianas da instituição, e ampliem a visitação de públicos dos mais diversos pontos da cidade.

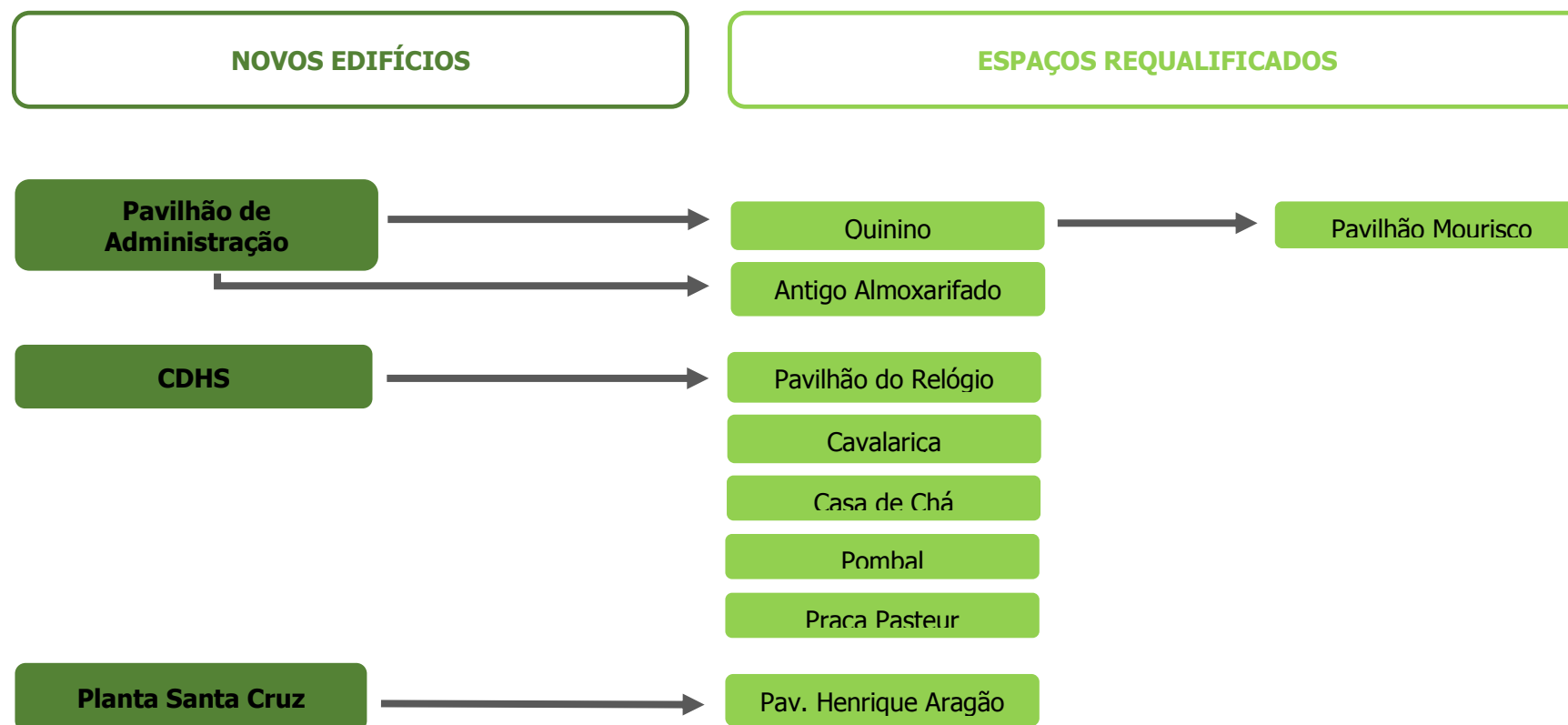
As questões aqui assinaladas implicam na definição de estratégias e comprometimentos que se refletirão nos planos quadrienais e anuais da instituição, e no desenvolvimento de programas de captação de recursos complementares e de comunicação.

8. Cronograma

Para o desenvolvimento do plano de requalificação faz-se necessário o estabelecimento de um cronograma e para tal há de serem estabelecidas previamente logísticas de atuação. Uma que diga sobre as etapas de desenvolvimento e outra que esclareça a ordem e prioridades de intervenções nos prédios e áreas a partir da identificação dos nós críticos. A primeira deve contemplar as etapas de definição de uso, de planos de captação e de comunicação, e a fixação das etapas subsequentes em função de uma ordem lógica de execução, configurando-se como uma logística das etapas de desenvolvimento do plano, tal como proposto abaixo:



A outra logística decorre do fato dos prédios que compõem o plano serem desocupados em momentos diferentes e de alguns necessitarem da intervenção prévia, de modo a possibilitar a transferência de ocupações e por conseguinte, sua disponibilização para as obras necessárias. A seguir apresentamos essa logística de intervenção nos prédios e nas áreas:



A partir das logísticas de desenvolvimento assinaladas acima, é possível planejar um cronograma que contemple no tempo as diversas atividades essenciais à implementação do Plano de Requalificação. Como estratégia, após definido o plano como um todo, serão priorizados os projetos de comunicação, de captação, de intervenções, e de submissão às leis de incentivo ao fomento de recursos, tais como a Lei Rouanet/ Pronac, daquelas edificações e áreas já passíveis de requalificação. Vale ressaltar que a proposta assinalada abaixo, reflete o grau de amadurecimento atual deste empreendimento, e que naturalmente sofrerá revisões com maior grau de informações à medida que os estudos e os projetos específicos avancem. O plano será monitorado através de ferramenta de gestão de projetos e serão definidos indicadores de acompanhamento para seus objetivos.

Edificações	Definição de usos e ocupação	Projeto básico das obras concluído	Projeto executivo das obras concluído	Projeto Conceitual da exposição concluído	Projeto Executivo da exposição concluído	Aprovação na Lei Rouanet (Pronac) concluída	Obras	Museografia	Inauguração
Cavalaria	Concluído	Concluído	Concluído	Jul.15	Nov.15	Out.15	Jan.14 - Ago.15	Jan.16 - Abr.16	Mai.16
Pombal	Concluído	Jul.15	Set.15	Ago.16	Out.16	Fev.16	Mar.16 - Jan.17	Jan.17 - Abr.17	Mai.17
Casa de Chá	Concluído	Jun.16	Set.16				Fev.17 - Out.17		Nov.17
Pavilhão do Relógio	Concluído	Set.15	Dez.15	Jun.16	Ago.16	Nov.16	Mar.17 - Ago.17	Set.17 - Abr.18	Mai.18
Praça Pasteur	Concluído	Mai.16	Jul.16			Out.16	Mar.17 - Abr.18		Mai.18
Auditório	Concluído	Out.16	Dez.16				Mai.18 - Abr.20		Mai.20
Quinino	Concluído	Mai.16	Jul.16			Out.16	Jan.18 - Abr.20		Mai.20
Pavilhão Mourisco	Concluído	Mai.17	Jul.17	Mai.17	Jul.17	Out.17	Abr.19 - Out.21	Nov.21 - Abr.22	Mai.22
Henrique Aragão	Concluído	Mai.17	Jul.17			Out.17	Dez.20 - Nov.21		Dez.22

III. ANEXOS

Anexo A: A caracterização das edificações e de seu entorno

A grande parte das edificações incorporadas neste plano faz parte do conjunto arquitetônico histórico inicial onde se observam características do ecletismo com influências portuguesa, inglesa e mourisca. A maioria dos materiais empregados na construção do conjunto eclético foi importada, (como nos palácios ecléticos da época) e os mestres e artífices também, em grande parte, vieram do estrangeiro.

Pavilhão Mourisco

Seus primeiros esboços datam de 1903, mas só em 1908, com a construção já adiantada, Moraes elaborou o projeto definitivo com cinco pavimentos comuns e dois pavimentos intermediários (pavimentos técnicos), construídos sobre a principal colina do terreno e sua fachada voltada para a baía. No terraço do quinto pavimento, cercado por ameias, surgem, nas alas norte e sul, duas torres de planta octogonal com seis metros de diâmetro e 10 metros de altura.

O projeto e sua construção utilizou as mais recentes tecnologias e equipamentos da época. O cimento veio da Inglaterra, os tijolos de Marselha e os perfis metálicos da estrutura chegaram da Alemanha. De origem nacional, destaca-se o granito e a peroba do campo. Os azulejos coloridos que revestem as paredes das varandas e os mosaicos dos pisos têm origem na manufatura portuguesa Bordallo Pinheiro. Companhias alemãs foram responsáveis pelo fornecimento e instalação dos equipamentos de laboratório e das instalações elétricas, telefônicas, térmicas, telegráficas e do elevador, até hoje com sua cabine dupla preservada. Nenhum outro edifício do Rio de Janeiro se igualava em complexidade tecnológica.

A ornamentação tem influência da arquitetura mourisca, sendo os edifícios da Alhambra, em Granada (Espanha), sua principal inspiração no que diz respeito à composição decorativa. O Pavilhão Mourisco teve uma inauguração parcial em 1909, mas somente em 1918 todos os trabalhos de ornamentação foram concluídos.

Desde sua concepção, o edifício abrigou a biblioteca e o museu de patologia instalados nas alas laterais do terceiro pavimento. A biblioteca ocupou a ala norte que em 1913 recebeu uma estrutura de aço em quatro níveis, fabricada em Nova York, com iluminação elétrica e capacidade para 30 mil volumes. Do outro lado, na ala sul, foi montado o museu que guardava, numa estrutura de ferro e mármore com dois níveis, as coleções zoológicas e anatomopatológicas do instituto.

Hoje o Pavilhão se mantém não só como a sede da Fiocruz, é o principal ponto de observação no campus, e seu contorno se tornou a marca, o símbolo da instituição

Grande parte da ocupação de suas salas se dá pelas áreas administrativas da Presidência e Direção do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), uma das unidades da Fundação, contudo, continua abrigando alguns acervos culturais importantes.

O térreo e o 1º pavimento são ocupados com atividades administrativas e pela sala de reuniões da presidência.

No 2º pavimento, além da ocupação por atividades administrativas do IOC, encontra-se o acervo da Coleção Entomológica e seu laboratório, e três salas de exposições permanentes sob responsabilidade do IOC e do Museu da Vida/COC.

O 3º pavimento é ocupado principalmente pela Seção de Obras Raras da Biblioteca de Ciências Biomédicas, instalada na estrutura original da biblioteca, com suas salas de acervo e salão de leitura gerenciados pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICT), e pela sala de exposição temporária, sob os cuidados do Museu da Vida/COC.

É no 5º pavimento que se encontra instalada a presidência da Fundação Oswaldo Cruz e seu gabinete.

Os 4º e 6º pavimentos são considerados técnicos e de apoio, sendo o último uma área de entreferro. Em todos os pavimentos úteis existem áreas de apoio e sanitários.

Sobre o estado de conservação físico desta edificação, pode-se evidenciar que, ao longo do tempo, vem acompanhando as possíveis transformações exigidas pela natureza das atividades nela desenvolvidas, sendo respeitados os princípios de menor impacto e reversibilidade. Por se encontrar no alto de uma colina, a edificação sofre desgaste contínuo, ocasionado pelas intempéries e poluição atmosférica, o que exige uma ação constante de manutenção. Num contexto mais geral, seu estado de conservação pode ser considerado regular, sendo que alguns elementos apresentam maior fragilidade, que pode ser creditada às demandas do uso.

Cavalaria

Esta edificação, também conhecida como Antiga Estrebaria, foi construída em 1905. Destinava-se às inoculações de material virulento e outras operações executadas em cavalos visando a obtenção de soros, exceto o antipestoso, que era preparado no Pavilhão do Relógio. Foi provida de sistemas automatizados e instalações extremamente engenhosas, tanto do ponto de vista da assepsia e funcionalidade como do aproveitamento integral dos refugos gerados pelos animais: pode-se dizer que se praticou a sustentabilidade. A água era distribuída automaticamente por um *flushing tank* que descarregava de quatro em quatro horas. As águas servidas corriam por um canal central, embutido no piso, e eram utilizadas para a irrigação dos campos onde se cultivavam as forragens. As fezes eram recolhidas num reservatório especial e diariamente lançadas numa estrumeira, onde entravam em

fermentação. Os gases aí condensados serviam para a iluminação das baias e o estrume adubava os campos.

Foi projetada com planta retangular para abrigar 20 cavalos. No espaço central, com boa iluminação e cobertura de telha vã, encontravam-se as baias, separadas por espessas tábuas em enquadramentos de ferro com esmerado desenho. Também de ferro eram as manjedouras divididas em três partes: a primeira, em forma de grade, colocada em plano superior, tinha por finalidade receber capim e alfafa; as demais, com formato de cuba, em ferro esmaltado, serviam uma, para água, a outra, para milho e aveia. A distribuição das forragens era feita através de corredores elevados, construídos entre a parede e as baias, permitindo a livre movimentação do cavalarinho, sem incomodar os animais.

A ala oeste do edifício em dois níveis abrigava, no térreo, três salas: a de sangria, coberta por uma cúpula com clarabóia no plano superior que se comunicava por meio de um elevador ao compartimento subterrâneo; a sala para limpeza dos animais destinados à sangria e um pequeno depósito para objetos esterilizados.

Na ala leste, o térreo era ocupado por uma sala para intervenções cirúrgicas nos animais, um pequeno laboratório e uma terceira sala com escada caracol, de ferro batido, que conduzia às acomodações do responsável da cavalaria e ao depósito de ferragens. Nessa ala foi instalada a balança para pesagem diária dos cavalos fornecedores de soro, os instrumentos para controlar sua temperatura e uma mesa de necropsia.

Todas as paredes internas da cavalaria tinham os cantos arredondados e eram revestidas até a altura aproximada de 2,90 m de azulejos brancos, provenientes da Inglaterra. Os pisos eram de ladrilhos cerâmicos de cor gelo, obedecendo aos mesmos critérios de higiene dos laboratórios. A estrutura do telhado, em perfis metálicos trabalhados com encaixes e parafusos, proporcionou uma enorme leveza ao conjunto. As portas externas em madeira maciça possuíam duas ou quatro folhas, bandeiras duplas, venezianas e vidros, mostrando a preocupação com a ventilação constante do ambiente.

Atualmente a Cavalaria é um local aberto à visita, sendo uma das áreas de exposição permanente do Museu da Vida/COC. As salas do pavimento superior são ocupadas pela área de apoio às atividades do Museu e equipamentos técnicos.

No que concerne à avaliação de seu estado de conservação, pode-se considerá-lo ruim. A Cavalaria apresenta comprometimento na área da cobertura e em diversos elementos em seu interior. O programa museográfico instalado inibiu a visibilidade espacial original e dificultou o acesso a diversos elementos de forma a serem vistoriados e submetidos a ações de conservação.

Pavilhão do Relógio

Também conhecido como Pavilhão da Peste, foi construído entre 1904-1905 para abrigar, isoladamente, todas as atividades relacionadas ao bacilo da peste, tanto a preparação do soro e da vacina, como as investigações que manipulavam material pestoso.

O edifício de um pavimento e com planta retangular recebeu dois laboratórios: o bacteriológico na face sul, com sala anexa onde eram mantidos pequenos animais infectados e, na face norte, o de estudos de bacteriologia da peste e o de protozoologia. Entre os dois laboratórios, apresentava-se o módulo central destinado à enfermaria para cavalos composta por uma sala para inoculações e quatro boxes com bebedouros e manjedouras.

Parte de seus materiais de construção, igualmente aos outros prédios do conjunto, foi importada. Possuía dois sistemas de esgoto: um para as águas não-infectadas, ligado diretamente à rede principal, e outro que recolhia as águas servidas dos quatro boxes e da sala de inoculação para uma caixa de porcelana situada fora do prédio. As esquadrias das janelas em ferro fundido possuíam uma tela de latão para proteger contra a entrada de insetos, podendo assim se manter as janelas abertas para ventilação. A torre situada sobre a enfermaria era utilizada pelo vigia que observava os animais inoculados, através de pequenos óculos de vidro existentes no teto dos boxes. O acesso se dava pela escada situada nos fundos do prédio. Na torre foi instalado um relógio, que funciona até hoje, para marcar as horas das jornadas de trabalho.

Pelo aspecto formal, o prédio recorda as construções fabris e ferroviárias com influência da arquitetura inglesa.

O pavilhão tem atualmente uso administrativo sendo ocupado pela Direção da Casa de Oswaldo Cruz e Área de Comunicação da COC.

Sem alterações espaciais internas, o pavilhão se encontra num estado de conservação bom. Pode-se apontar os elementos externos em ferro como aqueles que estão num estado de degradação maior.

Pavilhão Figueiredo de Vasconcelos

Construído em 1919 com dois pavimentos, destinava-se a alojar o Serviço de Medicamentos Oficiais. Também conhecido como Pavilhão da Química ou ainda como Quinino, esta construção formava um harmonioso conjunto em volta da Praça Pasteur juntamente com a Cavalaria e o Pavilhão do Relógio. Sua planta poligonal forma um pátio interno que o diferencia dos demais. A entrada centralizada era a área de distribuição interna a todas as salas e laboratórios, através da escada para o pavimento superior e do pátio coberto em seu perímetro.

As fachadas revestidas em tijolos apresentavam todos os vãos marcados por saliências de diversos materiais. Os tijolos empregados de formas diversas davam movimento à fachada.

Em 1943 o edifício foi sobrelevado com dois pavimentos num projeto de Nabor Foster com a supervisão do próprio Luiz Moraes, que modificou seu aspecto formal e construtivo: os frontões foram simplificados, os tijolos aparentes foram, em época posterior, cobertos por massa de emboço. Neste momento a edificação tem uso administrativo. É ocupada atualmente pelas Diretorias de Administração e de Recursos Humanos da Fiocruz, unidades técnico-administrativas diretamente ligadas à Vice-Presidência de Gestão e Desenvolvimento Institucional.

O uso administrativo intenso e demandas não planejadas, principalmente por adequações das instalações prediais, têm trazido à edificação alguns problemas de conservação, apontando com isso a necessidade de um plano de uso abrangente e qualificado. Seu estado de conservação pode ser considerado ruim.

Pombal

Ligeiramente afastado do conjunto principal, o Pombal, construído em 1904, também levava o nome de Biotério para Pequenos Animais. É formado por oito construções circulares divididas em gaiolas que abrigavam as cobaias sadias de pequeno porte: aves, ratos, coelhos e outros. Estas construções estão dispostas de maneira a formarem um retângulo no centro no qual se localiza a torre principal. Essa edificação eleva-se 2,5 metros acima das demais e originalmente abrigava os pombos-correios utilizados para a comunicação dos pesquisadores do então Instituto Oswaldo Cruz com a Diretoria Geral de Saúde Pública, no centro da cidade.

Sua formalidade simétrica acaba tendo um resultado agradável ao misturar as linhas curvas e retas, formando um diagrama geométrico, quase um tabuleiro de jogo cercado por um muro.

O conjunto das edificações que formam o pombal é rodeado por um extenso pátio contornado por um muro. Ao longo do tempo, adquiriu uma vocação de ponto de encontro e lazer. Na área já foram desenvolvidas algumas atividades do Museu da Vida, mas se encontra atualmente sem uso permanente e em estado de conservação degradado, podendo ser classificado como ruim.

Casa de Chá e Anexo

O conjunto atualmente conhecido como Casa de Chá é formado por uma edificação principal, em forma de caramanchão, construída em 1905, e por um anexo erguido por volta de 1920. Rústico e elegante, o caramanchão era composto por estrutura e fechamento em painéis treliçados de madeira de lei e cobertura interrompida pela presença de árvores em seu interior. Juntamente com o anexo, construído em alvenaria e cobertura de telhas cerâmicas, funcionou como local de refeições e ponto de encontro dos cientistas até o início da década de 1950, quando foi inaugurado o Restaurante Central. Algumas alterações

foram feitas ao longo dos anos, sendo a principal delas a remoção das árvores internas e, por consequência, a modificação do desenho do telhado.

Tanto o caramanchão como o anexo são ainda utilizados como restaurante. O conjunto já passou por diversas intervenções, principalmente o caramanchão, visto que este é constituído por material menos perene e mais sujeito à interferência de agentes atmosféricos e biológicos. A constante manutenção dessa edificação possibilitou a troca de vários elementos que se encontravam degradados, de forma que hoje apresenta um estado de conservação que pode ser considerado bom.

Praça Pasteur

Espaço aberto que integra os primeiros edifícios projetados e construídos por Oswaldo Cruz e Luiz Moraes Junior para o então Instituto Soroterápico. Foi batizada em homenagem ao cientista francês em cujo instituto Oswaldo Cruz estudou entre 1898 e 1899. Sua implantação obedeceu à localização das edificações adaptadas da antiga Fazenda Manguinhos, demolidas conforme as novas edificações projetadas iam sendo finalizadas. À Praça Pasteur integra-se, numa mesma composição paisagística, o Jardim Leste e o Jardim Oeste. Os ambientes da Praça e do Jardim Leste fazem parte da composição original iniciada em 1918 e concluída em 1922, enquanto que o Jardim Oeste foi criado em 1991 baseado em desenhos datados de 1905. A Praça foi desenvolvida em uma parte plana e o Jardim Leste em suave declive.

Sua principal utilização é como área de acesso aos prédios que a rodeiam e local de encontro, por vezes recebendo grandes eventos comemorativos da Instituição e de seus trabalhadores.

Seus problemas fundamentais de conservação estão diretamente ligados às árvores plantadas junto às fachadas dos prédios. Por se tratar de uma área rochosa, as raízes da maioria destes elementos arbóreos danificam a pavimentação e as bases das edificações. Também podemos observar problemas relacionados ao mobiliário urbano e falta de infraestrutura adequada para receber grandes eventos. Seu estado de conservação pode ser considerado ruim.

Antigo Almoxarifado

Estima-se que o prédio do Antigo Almoxarifado foi construído por volta de 1940 para abrigar um refeitório. Serviu também como almoxarifado e mais tarde como reserva técnica do Museu da Vida/COC. De autoria desconhecida, a edificação de um pavimento tinha inicialmente uma linguagem de aproximação à do modernismo, mas hoje não representa valor significativo no conjunto do núcleo histórico.

Abriga atualmente a Auditoria Interna, a Procuradoria Geral Federal (PGF) e o Centro de Relações Internacionais em Saúde (Cris), todos órgãos de assistência direta e assessoria da presidência da Fiocruz.

No que diz respeito à matéria, o prédio encontra-se num estado de conservação bom, mas não em relação à sua forma original. O que se percebe hoje, devido às diversas alterações que tem sofrido, é uma representação sem atributos arquitetônicos ou de valor histórico e estético.

Pavilhão Henrique Aragão

Projetado pelo arquiteto Roberto Nadalutti, do Serviço Especial de Saúde Pública, o Pavilhão Henrique Aragão, também conhecido como Pavilhão da Febre Amarela, foi construído após assinatura de um convênio entre o Serviço Nacional de Saúde Pública e o Serviço Nacional de Febre Amarela. O objetivo era alojar um laboratório para a preparação de vacinas contra a Febre Amarela e a Varíola, responsabilidade do laboratório da Fundação Rockefeller até sua saída do país em 1942, que passou para o então Instituto Oswaldo Cruz. As obras iniciaram em 1954 e foram parcialmente concluídas em 1956, mas o laboratório só começou a ser usado plenamente em 1960.

A edificação desenvolvida em dois pavimentos apresenta uma solução estrutural com uma sequência de grandes pilares externos vazados, uma de suas características mais marcantes. Um pequeno jardim frontal ao pavilhão, com espelho d'água em forma amebóide, integra seu projeto original.

Esta edificação manteve seu uso original, onde funcionam até hoje os laboratórios para a preparação de vacinas contra a febre amarela, sob a responsabilidade do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos - Bio-Manguinhos, unidade técnico-científica da Fundação.

À edificação foram agregadas pequenas construções, adjacentes à fachada posterior, para adaptação às demandas de infraestrutura necessárias ao desenvolvimento das suas atividades. No entanto estas modificações externas podem ser removidas sem danos ao edifício e não comprometem a arquitetura original. Internamente o edifício passou por diversas alterações conservando alguns elementos principais. O estado de conservação pode ser considerado regular.

Anexo B: Contribuições de especialistas externos

Na seleção dos profissionais convidados a contribuir para o Plano de Requalificação do Nahm, foram considerados os seguintes aspectos:

- Ter histórico de relação ou conhecimento sobre a instituição;
- Atuar nas áreas de preservação patrimonial, urbanismo, cultura e museus;
- Ser reconhecido em sua área de atuação;
- Agregar valor ao projeto em sua relação com o BNDES e outras possíveis instituições financiadoras para a sua implantação;
- Ampliar a relação do projeto com segmentos distintos da sociedade e com a cidade.

REUNIÕES OCORRIDAS

1ª reunião: 02 de dezembro de 2011

Os profissionais foram arquitetos e urbanistas cuja relação com o Nahm se deu por sua atuação no desenvolvimento do Plano de Ocupação da Área Preservada (Poap).

Os profissionais convidados foram:

- **Henrique Barandier** (Ibam).
- **Cristóvão Fernandes Duarte** (Proureb-FAU/ UFRJ).
- **Luis Carlos Gomes Madeira Soares** (Fiocruz/ Presidência).

Temas marcantes assinalados:

- Verificar experiências de instituições de pesquisa ou ensino que abriram parte de seu *campus* a ações socioculturais voltadas à sociedade.
- A ampliação de abertura do campus ao público gera custos de manutenção de natureza diferente dos usuais, entretanto, gera oportunidades de aporte de mais recursos financeiros e de outras fontes.
- O objeto das exposições deve considerar a saúde e a instituição em seus diversos aspectos, de modo a se constituir como vitrine das ações institucionais à sociedade.

2ª reunião: 05 de dezembro de 2011

O profissional convidado foi o prof. **Mário de Souza Chagas** (Ibram).

Temas marcantes assinalados:

- A relação cultura x saúde se apresenta como forte candidata à referência do projeto de uso e ocupação;
- Experiência de Mario de Andrade em SP: aproximação da saúde com os “processos culturais”, por meio do tema da nutrição.
- Público e “não público”; necessidade de conhecer quem não visita.
- As experiências de museus internacionais, em especial, de ecomuseus e/ou de território (ex: bairro na cidade de Chicago/ USA) com a utilização de *autoguides* devem ser avaliadas como potencial ferramenta a ser explorada no campus Manguinhos.
- A possibilidade de diferentes trilhas com temáticas diversas, tais como flora e fauna; edifícios históricos; locais; fatos e personagens históricos.
- O uso de parte do Nahm para fins administrativos não é incompatível ao uso predominantemente sociocultural, já que museus necessitam de apoio administrativo.
- Atuação mais marcante na cidade e aumento da visibilidade. O lugar social da Fiocruz na cidade é oculto, meio escondido. É preciso ampliar o papel da instituição sobre a cidade.

3ª reunião: 07 de dezembro de 2011

O profissional convidado foi o prof. **Ulpiano Bezerra de Meneses**(USP).

Temas marcantes assinalados:

- Tratar o Nahm como patrimônio ambiental urbano; abordar o campus como uma “micro-cidade”, um “território”.
- A gestão cultural tem que estar atrelada a uma gestão administrativa do campus.
- O valor cultural tem pelo menos um dos seguintes aspectos: a) valor cognitivo, b) valor afetivo, c) valor estético.
- Pesquisa sobre a percepção da sociedade (Fiocruz) sobre a noção de patrimônio. Qual o imaginário popular interno sobre patrimônio e sua relação com o DPH/ COC? Quais os valores que alimentam as práticas da comunidade interna? Qual o imaginário social da comunidade do entorno?
- Não deve ser desconsiderada a tensão entre musealizar x culturalizar.
- Tese: todo o presente é composto por multi-temporalidades. O presente é híbrido, o passado não desaparece; em todo presente há passado.
- O uso prioritário tem que dizer o que é do cotidiano e do trabalho em curso.

4ª reunião: 09 de dezembro de 2011

O profissional convidado foi **Antônio José Aguilera Montalvo**(Iphan).

Temas marcantes assinalados:

- Como se deu a construção da noção de patrimônio na instituição?
- O comprometimento institucional com a preservação do seu patrimônio pode ser evidenciado por haver um departamento especializado na preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico.
- A necessidade de já se ter uma proposta de sumário e estrutura de documento com clareza do objetivo.

5ª reunião: 23 de janeiro de 2012

O profissional convidado foi **Maria Regina Pontin de Mattos** (ex-diretora do Inepac).

Temas marcantes assinalados:

- Destaque à iniciativa histórica da instituição por sua opção de abrir seu campus à sociedade através do MV e das ações voltadas às comunidades de entorno. Principalmente se comparado a outras instituições de pesquisa ou ensino.
- A relevância que esta instituição pode ter para a cidade frente às transformações que ocorrem e que se intensificarão no município em função da Copa e das Olimpíadas. Principalmente na relação com as transformações na região portuária e de São Cristóvão.

As reuniões abaixo adotaram o formato de palestra e foram dedicadas à apresentação da experiência profissional de indivíduos com carreiras marcantes nos campos da museologia, museografia, comunicação em museus, preservação do patrimônio arquitetônico e outros.

6ª reunião: 8 de novembro de 2013

O profissional convidado foi **Daniel Morena**

Daniel Morena é diretor de tecnologia criativa da empresa 32 Bits, especializada em projetos de design e tecnologia interativa para museus e exposições. Trabalhos: Museu da Língua Portuguesa (SP), Museu do Homem Americano (Serra da Capivara, PI), Museu das Minas e do Metal (BH), Museu de Arte do Rio, Museu do Amanhã e Museo del Caribe (Baranquilla, Colômbia).

7ª reunião: 17 de dezembro de 2013

A profissional convidada foi **Maria Ignez Mantovani**.

É presidente do Icom Brasil (International Council of Museums). Muito respeitada no meio museológico, Maria Ignes atua na área de museologia desde 1981. É uma das diretoras da Expomus, empresa responsável pela exposição dos Impressionistas no CCBB e que já realizou trabalhos para o MIS SP, MAM SP, Museu do Estado de Pernambuco, Museu Nacional de Belas Artes, Pinacoteca de SP, Fundação Museu Carlos Costa Pinto (Bahia), Museu de Arte Moderna de Tokyo e Instituto dos Museus e da Conservação de Portugal.

8ª reunião: 13 de março de 2014

O profissional convidado foi **Marcello Dantas**.

Designer, curador de exposições e diretor de documentários. Trabalho reconhecido internacionalmente, incluindo importantes e inovadores museus brasileiros, onde empregou, muitas vezes, tecnologia de ponta com finalidade interativa e educativa. Exemplos: Museu da Língua Portuguesa, Catavento Cultural e Educacional (SP), Museu das Minas e do Metal (MG), Museu da Gente Sergipana (SE).

9ª reunião: 25 de abril de 2014

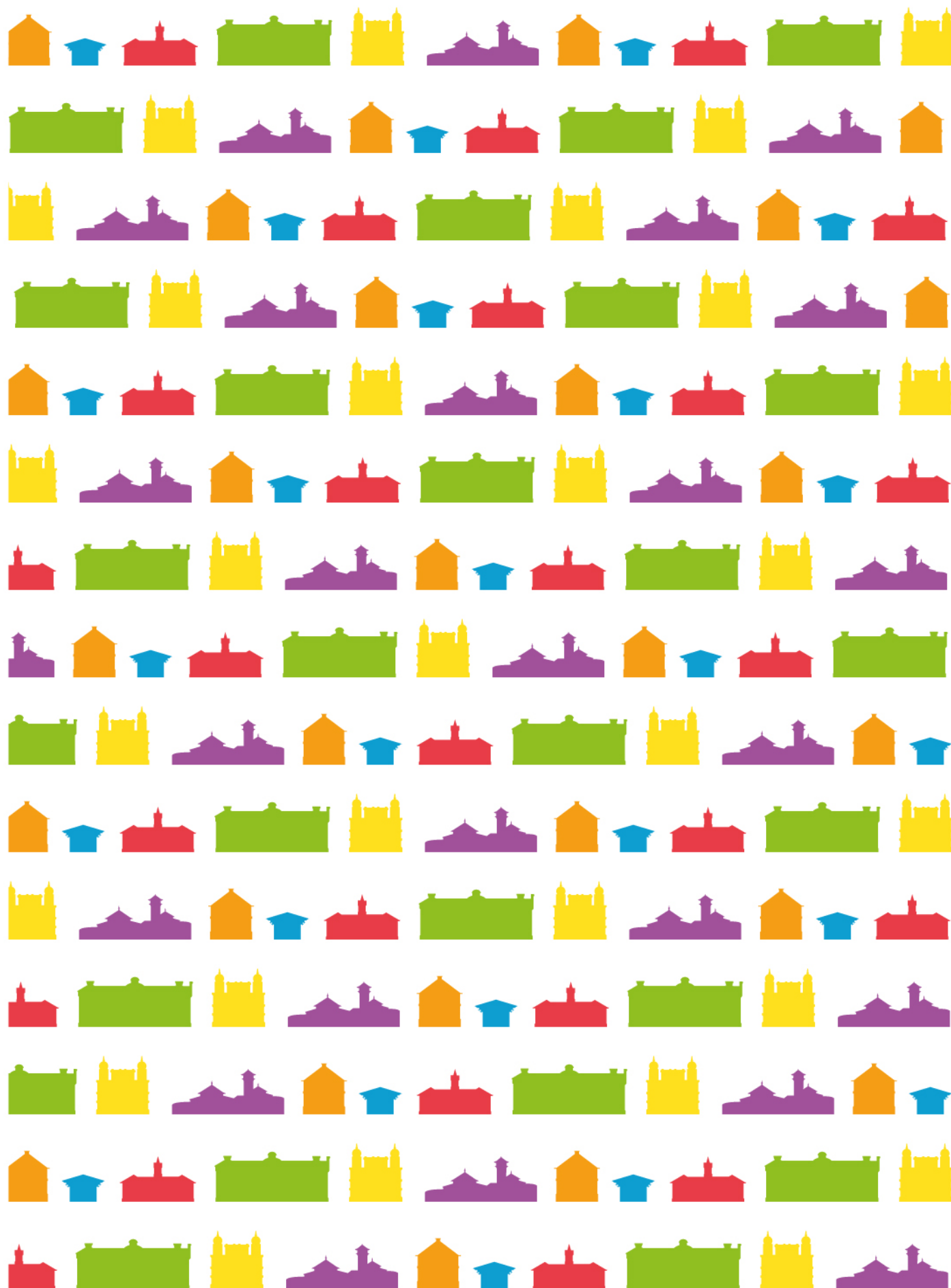
O profissional convidado foi **Luis Marcello Mendes**

Jornalista, consultor de Comunicação para Museus da Fundação Roberto Marinho, autor do livro Reprograme - Comunicação, Branding e Cultura numa Nova Era de Museus. Realizou projetos de comunicação para os museus da Fundação Roberto Marinho, como o MAR. Em 2011, integrou a equipe da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, atuando no projeto do futuro Museu da Moda. Também faz consultorias independentes de gestão de marca e de mídias sociais para instituições públicas e clientes da iniciativa privada.

10ª reunião: 30 de maio de 2014

O profissional convidado foi **Ernani Freire**

Arquiteto, professor da PUC e titular do Escritório Ernani Freire Arquitetos Associados. Desde 1975, elabora e desenvolve projetos e estudos para fins residenciais, comerciais, industriais, turísticos, de educação e saúde e atua intensamente na área de reabilitação e revitalização de edifícios e conjuntos de interesse histórico e arquitetônico. Vários desses trabalhos foram premiados por instituições como o Instituto de Arquitetos do Brasil. Exemplos: Casa Daros (Botafogo) e Parque das Ruínas (Sta. Teresa).



Casa de
Oswaldo Cruz



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz